



CARTOGRAFIAS AFETIVAS: PROPOSIÇÕES DO PROFESSOR-ARTISTA-CARTÓGRAFO-ETC

AFFECTIVES CARTOGRAPHIES: A PROPOSAL FOR THE TEACHER-ARTIST-CARTOGRAPHER-ETC

Juliana Cristina Pereira

Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Professora da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

Florianópolis, SC

e-mail: ju_ceart@yahoo.com.br

Recebido em: 02.09.2013

Aceito em: 15.01.2014

Resumo

O poema *Sobre Importâncias* de Manoel de Barros que abre a apresentação desta pesquisa, *Cartografias Afetivas: proposições do professor-artista-cartógrafo-etc.*, aponta para um sentido pessoal e íntimo de atribuir importâncias, dando especial valor para aquilo que afeta sensivelmente, retendo o que cada um seleciona e atualiza ao longo da vida. A passagem descrita acima de Manoel de Barros diz que “a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós”; isto impulsiona a refletir não só sobre nossas importâncias, mas, também sobre a importância do outro. O que o outro, aquele que é conhecido e também o desconhecido, elege como importância em sua experiência de vida, e, se pudesse selecionar, cartografar alguns momentos, experiências íntimas ou coletivas, para compartilhar com o outro, para torná-las públicas, o que compartilharia? Assim, *Cartografias Afetivas* busca, a partir de uma proposição aberta, criar cartografias diversas, construindo coletivamente reflexões acerca do ser *professor-artista-cartógrafo-etc.* A proposta tem o intuito de potencializar afeto e provocar encontros e atravessamentos em redes na criação de cartografias, propondo outros modos de pensar a relação com a educação, com arte, com a vida e *suas importâncias*. Nessa relação, o professor-artista-cartógrafo-etc., na contemporaneidade, desenha seu percurso em constante conexão com o que acontece no espaço/arte/tempo/vida.

Palavras-chave: afeto; arte; educação; contemporaneidade; percurso.

Abstract

The poem *Sobre Importâncias* (About what Matters) by Manoel de Barros, that is the opener for this study on affective cartography: professor-artist-cartographer-etc., points to a personal and intimate reason on how to attribute importance, giving special value to what affects us significantly, retaining what we select and update throughout our lives. The passage by Manoel de Barros says that "the importance of something must be measured by the level of enchantment produced on us". This reflection leads me to reflect not only about what is important to me. What does the other whom I know or not select as important in his life experience, and if he could select and map some moments, intimate or collective experiences to share with others, what would he share? This way, *Affective Cartographies* seek to create diverse cartographies from open proposals, building, collectively, reflections on the teacher-artist-cartographer-etc. as a being. The proposal intends to enhance affects and provoke encounters and crossings in networks for the creation of cartographies, suggesting other ways of thinking the relationship with education, art, life and its importance. In this relation, the teacher-artist-cartographer-etc. draws his or her own path in constant connection with what happens in space/art/time/life.

Keywords: affect; art; education; contemporaneity; route.

Um fotógrafo-artista me disse uma vez: veja que o pingo de sol no couro de um lagarto é para nós mais importante do que o sol inteiro no corpo do mar.

Falou mais: que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balança nem com barômetro etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós.

Assim um passarinho nas mãos de uma criança é mais importante para ela do que a Cordilheira dos Andes.

Que um osso é mais importante para o cachorro do que uma pedra de diamante.

E um dente de macaco da era terciária é mais importante para os arqueólogos do que a Torre Eiffel. (veja que só um dente de macaco!)

Que uma boneca de trapos que abre e fecha os olhinhos azuis nas mãos de uma criança é mais importante para ela do que o Empire State Building.

Que o cu de uma formiga é mais importante para o poeta do que uma Usina Nuclear. Sem precisar medir o ânus da formiga.

Que o canto das águas e das rãs nas pedras é mais importante para os músicos do que os ruídos dos motores da Fórmula 1.

Há um desagero em mim de aceitar essas medidas. Porém não sei se isso é um defeito do olho ou da razão.

Se é defeito da alma ou do corpo. (Manoel de Barros, 2010, p.109)

INTRODUÇÃO

Os pensamentos explorados nesta pesquisa aludem a uma série de questionamentos e ações do professor-artista-cartógrafo-etc¹. A pesquisa tem como proposta provocar a construção de *Cartografias Afetivas*, que seria o mapeamento de um ou vários afetos construídos pelos participantes do projeto. O projeto, iniciado em 2010, apropria-se de dois conceitos: cartografia pensada pelos filósofos franceses Gilles Deleuze (1925-1995) e Felix Guattari (1930-1992) e afeto, que parte dos conceitos do filósofo holandês Baruch Espinosa (1623-1677), reconfigurados por Deleuze. Aqui trabalha-se com a junção dos conceitos, que são reinventados, para pensar uma proposição que é artístico-pedagógica.

Ao longo desta pesquisa tem-se como referência o livro *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*, 2012, com organização de Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia. O método cartográfico tem como desafio acompanhar processos, lança mão de regras e protocolos para dar importância à prática na experimentação de dispositivos, na experiência de ir a campo. A cartografia como método de acompanhamento do percurso e de um campo sensível é produtora de poéticas e subjetividades.

A cartografia como método de pesquisa-intervenção pressupõe uma orientação do trabalho do pesquisador que não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas, nem com objetivos previamente estabelecidos. No entanto, não se trata de uma ação sem direção, já que a cartografia reverte o sentido tradicional de método sem abrir mão da orientação do percurso da pesquisa. O desafio é o de realizar uma reversão do sentido tradicional de método – não mais um caminhar para alcançar metas prefixadas (*metá-hódos*), mas o primado do caminhar que traça, no percurso, suas metas². A reversão, então, afirma um *hódos-metá*. A diretriz cartográfica se faz por pistas que orientam o percurso da pesquisa sempre considerando os efeitos do processo de pesquisar sobre o objeto de pesquisa, do pesquisador e seus resultados (PASSOS; BARROS apud PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2012, p.17).

¹ Professor-artista-cartógrafo-etc é um termo criado pela autora deste artigo, defendido no trabalho de conclusão de curso em Licenciatura em Artes Plásticas, no primeiro semestre de 2009, na Universidade do Estado de Santa Catarina. Na sequência, explana-se a ideia desse conceito, que parte de junções e conexões entre teorias de outros pensadores.

² Metá (reflexão, raciocínio, verdade) + hódos (caminho, direção). Dicionário Etimológico [HTTP://www.prandiano.com.br/html/fr_dic.htm](http://www.prandiano.com.br/html/fr_dic.htm) (acessado em janeiro/2009). (PASSOS; BARROS. In: PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA, 2012, p. 17).

Assim, o método cartográfico pode ser pensado como meio para produção de artefatos poético-estéticos que se produzem por diferentes métodos e linguagens, podendo sofrer modificações, variações, em torno de valores culturais, coletivos e individuais, como propõe o projeto *Cartografias Afetivas*.

O conceito de cartografia ao qual o projeto se apoia é pensado por Gilles Deleuze e Félix Guattari na introdução no livro *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* (Paris: Minuit, 1980; Rio de Janeiro: Editora 34, 1995). O método cartográfico não executa representações de objetos, mas propõe acompanhamento de processos, gerando movimentos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização, criando desvios, redes, derivas, rizomas. A cartografia como método pode ser pensada como um movimento constante de produção.

Considerando que objeto, sujeito e conhecimento são efeitos coemergentes do processo de pesquisar, não se pode orientar a pesquisa pelo que se suporia saber de antemão acerca da realidade: o *know what* da pesquisa. Mergulhamos na experiência do pesquisador, não havendo nenhuma garantia ou ponto de referência exterior a esse plano, apoiamos a investigação no seu modo de fazer: o *know how* da pesquisa. O ponto de apoio é a experiência entendida como um saber-fazer, isto é, um saber que vem, que emerge do fazer. Tal primado da experiência direciona o trabalho da pesquisa do saber-fazer ao fazer-saber, do saber na experiência à experiência do saber. Eis aí o “caminho” metodológico (PASSOS, BARROS apud PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2012, p.18).

METODOLOGIA: CARTOGRAFIA AFETIVA

A *Cartografia Afetiva* é a experimentação que parte de uma proposição lançada pelo professor-artista, com base na construção de um conhecimento que se faz no curso do processo. As variantes das cartografias se dão em vivências poéticas de acompanhamento de percursos de vida, propondo sua aplicação em processos de produção, conexões de rede de afetos. Utilizar-se da cartografia como método é perceber as coisas por meio da experiência, do deixar vir e ouvir o outro, de trazer esse processo à arte e à educação de maneira poética. Uma obra fora do *self*, como propõe Ítalo Calvino:

[...] quem me dera fosse possível uma obra concebida fora do *self*, uma obra que nos permitisse sair da perspectiva limitada do eu individual, não só para entrar em outros eus semelhantes ao nosso, mas para fazer falar o que não tem palavra, o pássaro que pousa no

beiral, a árvore da primavera e a árvore do outono, a pedra, o cimento, o plástico... (CALVINO, 1990, p.138).

Pensar na possibilidade de uma obra construída a partir de redes de relações com o outro é algo desafiador. Ao mesmo tempo que a arte, na contemporaneidade, cria conexões com o cotidiano e com a vida, ela também, muitas vezes, deixa de lado a leveza, o afeto e a relação entre as pessoas, sendo os trabalhos artísticos, por vezes, passivos, não dando ao outro a possibilidade de ativar a obra, ou seja, não deixa que o outro se torne participante do processo. Na citação acima que faz parte do livro *Seis propostas para o próximo milênio*, Ítalo Calvino suscita a pensar nessa problematização, que se torna um dos focos principais nesta pesquisa.

Em dezembro de 2010, mediante uma convocatória lançada no meio virtual, enviada por *e-mail* para a caixa de contatos pessoal e postada no *site Obrer Cultural*³, pessoas foram convidadas a participarem de um projeto intitulado *Cartografias Afetivas*⁴, proposto por esta autora. O convite destinou-se a qualquer pessoa que tivesse o desejo de participar. Esse convite proliferou-se, pois pessoas que o receberam espalharam-no para muitas outras através da Rede.

Nesse primeiro movimento, foram recebidas, por correio eletrônico ou convencional, vinte cartografias.

Num segundo movimento, iniciou-se o desenvolvimento de oficinas no decorrer dos anos de 2011, 2012 e 2013. Essas oficinas contaram com a participação de aproximadamente cento e setenta pessoas e foram desenvolvidas em diferentes espaços, como universidades (Universidade do Estado de Santa Catarina/UNESC, Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, Universidade da Região de Joinville/SC) e museus (Museu Vitor Meirelles em Florianópolis e Museu de Arte de Blumenau).

O maior propósito dessa oficina é provocar a construção de cartografias afetivas pelos participantes. A partir dos movimentos anteriores, criou-se uma rede

³ <<http://obrer.wordpress.com>>.

⁴ A expressão *Cartografias Afetivas*, em itálico e com iniciais maiúsculas, refere-se ao nome do projeto. A mesma expressão, escrita em minúsculas e sem itálico, refere-se aos trabalhos caracterizados como cartografias.

heterogênea de participações, algo objetivado pelo projeto, pois não se pretendia delimitar de antemão um público.

Por meio do projeto, foi proposto às pessoas que construíssem seus “mapas de afetividades”, podendo ser criados por múltiplas linguagens: imagens, escritos, sons, objetos, etc. Nessas cartografias aparecem singularidades, vivências, lembranças, pessoas, lugares, espaços importantes da vida, ao mesmo tempo, individual e coletivo. As cartografias têm como ponto de partida, para suas construções, territórios afetivos que são importantes e afetam cada pessoa, e que se deseja, naquele momento de construção, cartografar. É uma proposta aberta para qualquer pessoa que se sentir provocada e desejar participar.

As cartografias acontecem como redes, em constante produção e movimento, sem desenhos constituídos e prévios. Suely Rolnik argumenta que a cartografia “é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem” (ROLNIK, 2006, p. 23).

Partindo de questões ligadas à psicogeografia (lugares afetivos da cidade), proposta pelo Grupo Internacional Situacionista, o projeto foi pensado como possibilidade para que diversas pessoas pudessem construir suas cartografias, de modo a processar e acessar um arquivo constante.

O Grupo Internacional Situacionista entra como referência para pensar a cidade, os espaços coletivos que carregam histórias subjetivas. Sua nomenclatura surgiu na “Introdução a uma Crítica da Geografia Urbana” (1955), em uma definição compacta: o estudo dos efeitos do ambiente, conscientemente organizado ou não, nas emoções e maneiras, comportamentos e modos de ação, procedimentos e condutas, ações e atos dos indivíduos. Os situacionistas propunham às pessoas que tivessem o desejo real de conhecer os espaços das cidades e não somente reconhecê-los. Para conhecer algo, é preciso que se torne íntimo, que se permita ser atravessado pelo que se quer conhecer. Era desejo do grupo que se percorresse a cidade em busca dos espaços, por meio de um olhar questionador, descobridor e crítico.

A obra aberta e colaborativa, por sua vez, tem como referência o artista alemão Joseph Beuys⁵, que difundiu sua ideia sobre arte totalmente entrelaçada com o ensino, com propostas de extensão da arte à vida. Para Beuys, todo homem carrega sua criatividade, e é a partir do meio em que se encontra ou da forma como é provocado que se pode propor que a criação se materialize. Para ele, “‘Todo homem é um artista’. Seu trabalho se direciona para o ser humano e para as relações que podem ser construídas a partir das interações humanas geradoras de liberdade criativa e transformação” (D’AVOSSA, 2010, p.12).

Beuys não decreta, não funda escola, mas busca provocar valores por meio de trocas, não apenas como recebimento de conhecimentos, mas como vivência, numa constante experiência que se prolonga por toda a vida.

A psicogeografia proposta pela Internacional Situacionista propõe “uma arte diretamente ligada à vida” (JACQUES, 2003, p. 19), característica também dos pensamentos de Joseph Beuys, já referenciado. “A psicogeografia seria uma prática geográfica afetiva e subjetiva que se propunha a cartografar as diferentes ambiências psíquicas provocadas pelas caminhadas urbanas que eram as derivas situacionistas” (JACQUES, 2003, p. 19). Essa prática esteve em voga nos anos 1990 em Londres. Foi originada nos anos 1950 com o grupo francês, primeiramente chamado Internacional Letristas, e depois Internacional Situacionista.

Essa prática psicogeográfica, que propõe relacionar-se com a cidade de maneira afetiva, torna-se importante referência para a pesquisa, pois somos contaminados pelo espaço em que vivemos e ao qual nos relacionamos; cada espaço carrega várias subjetividades não compartilhadas. O projeto *Cartografias Afetivas* está no tempo dos acontecimentos e de suas variações intensivas, provocando e propondo ao participante “situar-se entre fronteiras, explorar zonas de contágio não-determinadas, ouvir o balbucio do intervalo, escrever sobre encontros heterogêneos” (GARCIA, 2007, p.75).

Dessa forma, em seu processo de construção, as cartografias afetivas tornam-se “dispositivos” que, segundo Deleuze (1990), a partir de sua leitura de Michel Foucault, são linhas que não se limitam, não são sistemas homogêneos,

⁵ Joseph Beuys, artista alemão, nasceu em Krefeld em 12 de maio de 1921, e faleceu em Düsseldorf em 23 de maio de 1986. É considerado um dos mais influentes artistas da segunda metade do século XX.

seguem diferentes direções, traçam processos que podem estar em desequilíbrios, ora se aproximam, ora se afastam umas das outras. As linhas não são fixas, podem sofrer rupturas, podem ser quebradas, resultando em variações de direções, e bifurcam-se como nas próprias cartografias afetivas, que percorrem terras desconhecidas no outro e pelo outro.

Deleuze apresenta em *¿Que és um dispositivo?* (1990) três grandes instâncias analisadas por Foucault: o Saber, o Poder e a Subjetividade. É a linha de subjetivação que aqui mais interessa para pensar as cartografias. Ela afeta a si mesma, atua sobre si mesma, não está acabada, não é um saber, nem um poder. “É um processo de individuação que diz respeito a grupos ou pessoas, que escapa às forças estabelecidas como os saberes e poderes constituídos” (DELEUZE, 1990, p.2).

Ao observar as cartografias realizadas durante o percurso, percebeu-se que a pesquisa perpassa, também, por uma deriva cartográfica ainda mais subjetiva, uma deriva do pensamento, que requer a vivência não apenas de um espaço físico, ou mesmo de lugares ligados à cidade, como imaginado inicialmente. O que conecta uma cartografia à outra é a afetividade. Assim, cria-se coletivamente um Banco de Afetos - cartografados por cada participante desse projeto. *Cartografias Afetivas* “busca o sublime no banal. A leveza no cotidiano, eclipse do sujeito, do autor diante do mundo” (LOPES, 2007, p.18). Como sugere Ítalo Calvino:

[...] quem somos nós, quem é cada um de nós, senão uma combinatória de experiências, de informação, de leituras, de imaginações? Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis (CALVINO, 1990, p. 138).

Desse modo, criar cartografias abertas a todos é dar voz ao outro. Não se busca nesta pesquisa a análise visual, descritiva, ou a leitura das imagens das cartografias realizadas pelos participantes, mas sim cabe observar os modos de atravessamentos por onde essas cartografias operam nas diversas teias que tecem e destecem com a vida. “Nossos sentimentos, por si mesmos, são ideais que envolvem a relação concreta do presente com o passado em uma duração contínua:

eles envolvem as variações de um modo existente que dura” (DELEUZE, 2002, p. 200).

A concepção cartográfica, que é base para *Cartografias Afetivas*, refere-se também ao conceito de rizoma⁶ em Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995). As múltiplas conexões e agenciamentos que o rizoma permite configuram-se nos percursos de cada cartografia com a potencialidade da arte como dimensão poética e pedagógica. A cartografia, nessa perspectiva pós-estruturalista, está em constante transição:

[...] o mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.22).

A noção dos afetos parte dos conceitos de Espinosa reconfigurados por Deleuze (1997), que vê no afeto um tipo de afecção, ou seja, sensações ou percepções, sendo algo que nos atravessa:

Conhecemos nossas afecções pelas idéias que temos, sensações ou percepções, sensações de calor, de cor, percepção de forma e de distância. [...] A afecção, pois, não só é o efeito instantâneo de um corpo sobre o meu, mas tem também um efeito sobre minha própria duração, prazer ou dor, alegria ou tristeza. São passagens, devires, ascensões e quedas, variações contínuas de potência que vão de um estado a outro: serão chamados afectos [...] (DELEUZE, 1997, p. 156-157).

O afeto, então, é impulsionado pelo desejo ou pela tristeza ou pela alegria, três noções básicas de afeto pensado por Espinosa. Segundo Deleuze e Parnet (1998, p.73-74):

⁶ “Subtrair o único da multiplicidade a ser constituída; escrever a $n-1$. Tal sistema poderia ser chamado rizoma. Diferentemente das árvores ou de raízes, o rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer, e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza, ele põe em jogo regimes de signos muito diferentes, inclusive estados de não-signos. O rizoma não se deixa reduzir nem ao Uno nem ao múltiplo [...] Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes, de direções movediças. Não tem começo nem fim, mas sempre um meio, pelo qual ele cresce e transborda. Ele constitui multiplicidades” (ZOURABICHVILI, 2004. p. 97).

“os afetos são devires: ora eles nos enfraquecem, quando diminuem nossa potência de agir e decompõem nossas relações (tristezas), ora nos tornam mais fortes, quando aumentam nossa potência e nos fazem entrar em um indivíduo mais vasto ou superior (alegria)”.

Os afetos são, pois, as constantes flutuações de nossas potências. Afetos revelam singularidades, porém afetamo-nos uns aos outros, e as relações constituem-se do poder de ser afetado. “Afecções são imagens ou marcas corporais; e suas *idéias* englobam ao mesmo tempo a natureza do corpo afetado e a do corpo exterior afetante” (DELEUZE, 2002, p. 55, grifo do autor).

Nessa dimensão, criar uma cartografia afetiva seria construir uma história atribuindo realidades/ficções nessas criações. Assim, tornamo-nos autores e perceptores que trocam sonhos, ilusões, realidades, ficções, mas, principalmente, que buscam uma relação mediante cartografias impulsionadas pelo afeto, ora seu, ora do outro. A arte não é explicada pela vida, é, antes, uma duplicação da vida. Nesse sentido, um mapa afetivo é uma cartografia, por ser vivo, por estar em constante transformação, por ser dinâmico e por conter nele diferentes temporalidades.

Permitir-se ler, ver, ouvir, tocar, experimentar a cartografia feita pelo outro é um exercício de transposição, atravessamento, transbordamento. Cada espaço representado em uma cartografia corresponde a um espaço de individuação, impessoal, pois a relação torna-se coletiva quando nos dispusemos a dividir esse espaço com o outro e seus afetos. Nessa relação de entrega e descoberta, a arte tem um objetivo a cumprir: ser experimentada por quem faz e por quem se relaciona com ela, de maneira delicada e afetiva. “A delicadeza não é, portanto, só um tema, uma forma, mas uma opção ética e política, traduzida em recolhimento e desejo de descrição em meio à saturação de informações” (LOPES, 2007, p. 18).

CARTOGRAFIAS AFETIVAS COMO EDUCAÇÃO: PROPOSIÇÃO DO PROFESSOR-ARTISTA-CARTÓGRAFO-ETC.

A possibilidade dada, provocada ao outro de ser também autor, ser um perceptor do mundo e de trocar seus afetos, propõe uma poética da intimidade, “[...] que se contrapõe a uma estética da violência e do excesso tão valorizado pela crítica e pelo público hoje em dia” (LOPES, 2007, p. 18). Pensar isso na educação

hoje, talvez se torne um desafio.

Os modos de endereçamento e de participação desse projeto são múltiplos. Entre suas complexas interações e relações, a pesquisa busca uma abordagem que permita ampliar, sem análises e interpretações das cartografias, as fagulhas entre relações e conexões que estas carregam.

Os diferentes modos para a realização das cartografias são ativados mediante proposição feita pelo “professor”. Aqui, o “professor-artista-cartógrafo-etc.” vê-se como um propositor que lança a fagulha, a primeira jogada. A escolha do participante (do que ele desejará cartografar) é aberta. O importante é perceber que ao cartografar afetos há escolhas e abandonos em jogo. Os percursos com as cartografias deixam rastros, por isso, o processo é tão ou mais importante do que a cartografia em si mesma.

E por que professor-artista-cartógrafo-etc.?

O professor-artista propõe pensar não apenas na formação docente e na de um artista, mas sim no profissional que pensa a educação de maneira criativa; “um corpo criativo, um corpo performático, um corpo no mundo, atuando, fazendo-se presente, um corpo que tem a liberdade de inventar procedimentos” (PEREIRA; FAVERO, 2010, p. 210).

Já, o termo *etc.*⁷, parte de uma apropriação e ampliação da teoria do artista, escritor, professor, crítico e curador, Ricardo Basbaum, apresentada no texto “Amo os artistas-etc.” para a *Documenta de Kassel*. Nesse texto, Basbaum aborda o artista como curador, crítico, agenciador, etc., apresentando o “artista-etc” e não apenas “artista-artista”.

Quando um artista é artista em tempo integral, nós o chamaremos de ‘artista-artista’; quando o artista questiona a natureza e a função de seu papel como artista, escreveremos ‘artista-etc’ (de modo que poderemos imaginar diversas categorias: artista-curador, artista-escritor, artista-ativista, artista-produtor, artista-agenciador, artista-teórico, artista-terapeuta, artista-professor, artista-químico, etc) (BASBAUM, 2004).

Esse leque de possibilidades não cabe apenas ao artista, mas ao professor

⁷ O termo *etc.* está usado a seguir sem o devido ponto abreviativo para conservar a grafia original da apropriação.

contemporâneo, que também é, hoje, um professor-etc, sempre em constante movimento de busca, de transição; esse movimento incessante, investigativo, curioso e criativo é o que propõe a junção destes termos. Assim, a autora deste artigo coloca-se como professora-propositora das cartografias afetivas e percebe que a criação pode ser propulsora de movimentos com a arte e, também, com a educação.

Diante das variações do panorama artístico, histórico, social, tecnológico, pergunto: é a própria arte hoje e o pensamento que ela provoca que forçam mudanças, e quais, no ensino de arte? Será preciso transpassar a porta do museu para a rua, da rua para o museu, da rua para a escola, da escola para a rua, para a casa, para tantas portas e janelas reais e virtuais. (FREITAS; PESSI; SCHMIDLIN; OLIVEIRA, 2010, p.40).

Nessa transitoriedade da arte e da educação nos tempos atuais, dos espaços que a arte abarca, como indaga Maria Cristina Alves dos Santos Pessi, são repensados também os espaços da educação e do professor contemporâneo. No projeto *Cartografias Afetivas* busca-se diluir fronteiras dos espaços receptores e acolhedores da arte e também os espaços de proposições artísticas e educacionais. Assim, o professor-artista-cartógrafo-etc, em sua prática,

[...] pensa em estratégias para a criação de novos sentidos e de transição. Não se fixa, está presente dentro de redes que se interconectam, que criam rizomas, observa como é a vida coletiva, a sociedade, a massa, cada ser humano e ele mesmo, está alerta para as transformações. (PEREIRA; FAVERO, 2010, p. 205-206).

Este acompanha as transformações, num constante devir. Para Deleuze:

Devir é um nunca imitar, nem fazer como, nem se conformar a um modelo, seja de justiça ou de verdade. Não há um termo do qual se parta, nem um ao qual se chegue ou ao qual se chegue. Tampouco dois termos intercambiantes. A pergunta 'o que você devém?' é particularmente estúpida. Pois à medida que alguém se transforma, aquilo em que ele se transforma muda tanto quanto ele próprio. Os devires não são fenômenos de imitação, nem de assimilação, mas de dupla captura, de evolução não paralela, de núpcias entre dois reis (DELEUZE apud ZOURABICHVILI, 2004. p. 48.).

O devir das cartografias é algo que se instala no entre, nas bordas, no entorno, na multiplicidade das possibilidades dadas e recebidas que as cartografias

provocam. Muito mais que o fazer, as cartografias ganham força nesse processo permeado de invisibilidade, num espaço entre realidade-ficção.

A arte é desencadeadora de trocas, percepções e afetos, blocos de sensações, como sugerem Deleuze e Guattari:

O que se conserva, a coisa ou obra de arte, é um bloco de sensações, isto é, um composto de perceptos e afectos. Os perceptos não são mais percepções, são independentes do estado daqueles que os experimentam; os afectos não são mais sentimentos ou afecções, transbordam a força daqueles que são atravessados por eles. As sensações, perceptos e afectos, são seres que valem por si mesmos e excedem qualquer vivido. Existem na ausência do homem, podemos dizer, porque o homem, tal como ele é fixado na pedra, sobre a tela ou ao longo das palavras, é ele próprio um composto de perceptos e afectos. A obra de arte é um ser de sensação, e nada mais: ela existe em si. (DELEUZE; GUATTARI, 2005, p. 213).

Assim, as cartografias, como a obra de arte, podem ser consideradas blocos de sensação compostos de perceptos e afectos.

CARTOGRAFIAS AFETIVAS: ALGUMAS PRODUÇÕES

O breve conjunto de cartografias apresentadas neste momento fala cada uma de um afeto ou de vários, entretanto, a imagem por si só não dá conta dos sentimentos contidos nelas.

Assim, como professor-artista-cartógrafo-etc., este autor torna-se um meio de passagem entre fala e sentimento de cada cartografia afetiva que, ainda assim, carrega sua invisibilidade; no entanto, deixa rastros, os quais tentarão contar agora, através das sensações como ouvinte de cada participante. Ou seja, as falas a seguir buscam compartilhar as sensações capturadas pela proponente durante os recebimentos ou observações das criações destas.

Entre fotografias antigas e úmidas, que registram além do tempo, um momento de mudança de uma família, a separação dos pais. O que resta? O que sobra? O que fica? O que se divide? E o vazio que se instala logo será outro percurso.

Primeiro Movimento: Cartografias enviadas por e-mail e correio

Cartografia 1 (figura 1)



Figura 01 - Leandro Serpa. *Retrato de Família*, 2007-2010, (30x20 cm)
Enviada por e-mail em 24 de novembro de 2010.

Cartografia 2 (figura 2)

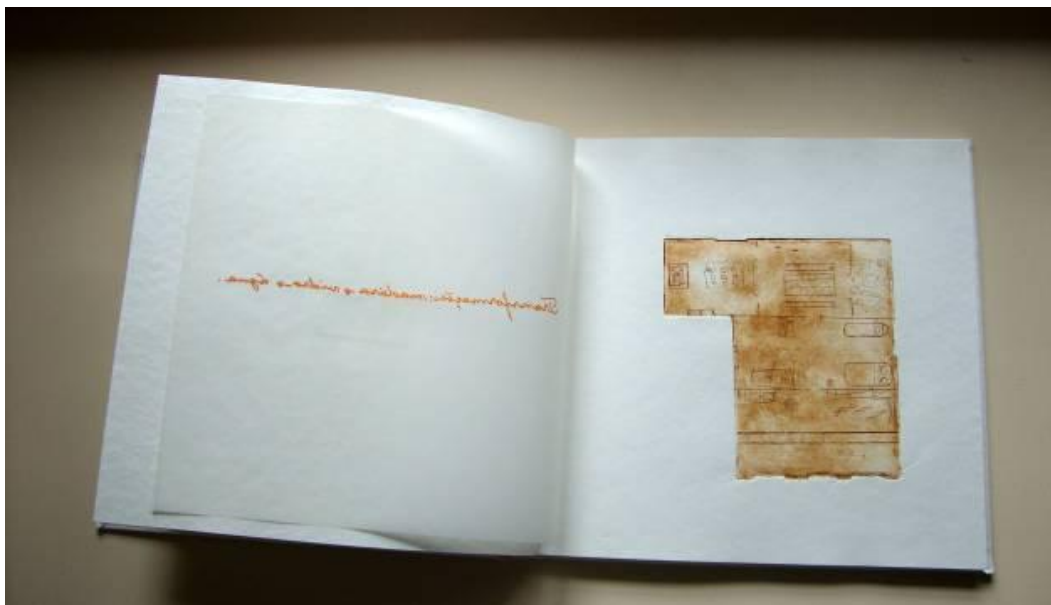


Figura 02 - Zulma Borges. *Alvéolos*, 2002, livro de artista com textos e água-forte.
Enviado por e-mail em 10 de fevereiro de 2011.

As plantas de todas as casas onde moramos, o que de afeto há no ambiente onde residimos? Onde crescemos? Por diferentes ambientes, em diferentes casas, em diferentes lugares, cidades, bairros, até estabelecer-se em uma, planejar, construir a casa, a família, mais um pedaço de nossas vidas.

Cartografia 3 (figura 3)

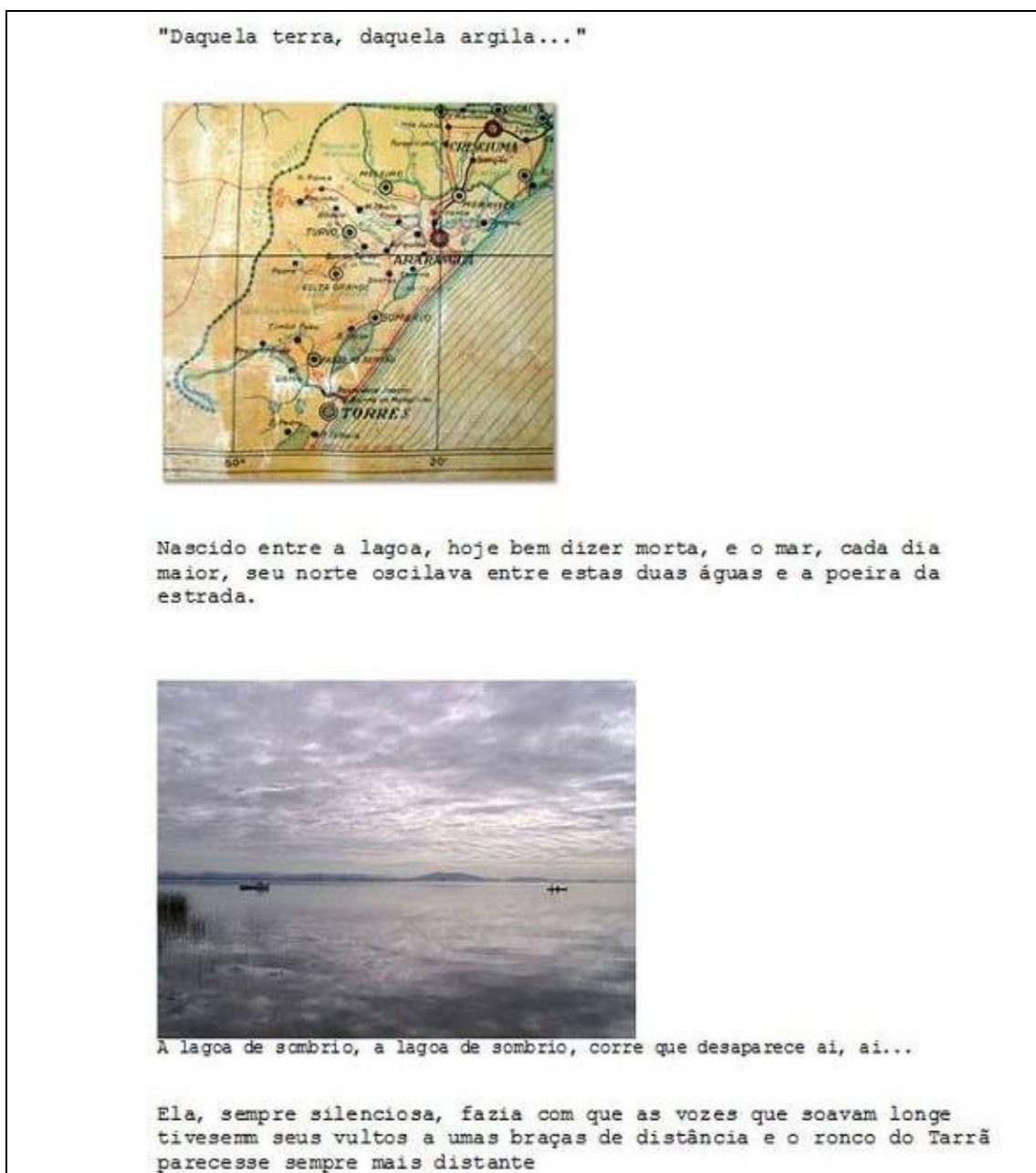


Figura 3 - Luciano Borba Steckert. *Daquela terra, daquela argila*, 2010. Tamanho A3.

Enviado por e-mail em 10 de janeiro de 2011.

E o ambiente que desaparece ou se transforma, uma lagoa quase nada, quase seca, quase morta, que na infância era farta de vida, de histórias e agora é lembrança e é quase e já saudade.

Cartografia 4 (figura 4)



Figura 4 - Fabio Morais. *Para um amor no Recife* (Paulinho da Viola), Fabio Morais, 2011.
Impressão jato de tinta sobre papel, 6,5 cm x 95 cm.
Enviado por correio em 20 de março de 2011.

Um amor, separado pelo espaço territorial, um voo que mostra a distância desse amor. “Para um amor em Recife”, trajeto de São Paulo a Recife, o que está por trás de um olhar aéreo que o território não dá conta de mostrar?

Segundo Movimento: Cartografias produzidas em oficinas

Cartografia 5 (figura 5)



Figura 5 - Rosangela Rosa, 2011. Oficina Cartografias Afetivas – Arte na Escola. Desenvolvida nos dias 16 e 18 de novembro de 2011, no Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina.

E se o caminho que separa a ausência da presença fosse reconstituído, mesmo que furtado, encurtado? Presenças que deixam saudades! Como podemos reconstituir essa presença em nós na ausência do outro?

Cartografia 6 (figura 6)

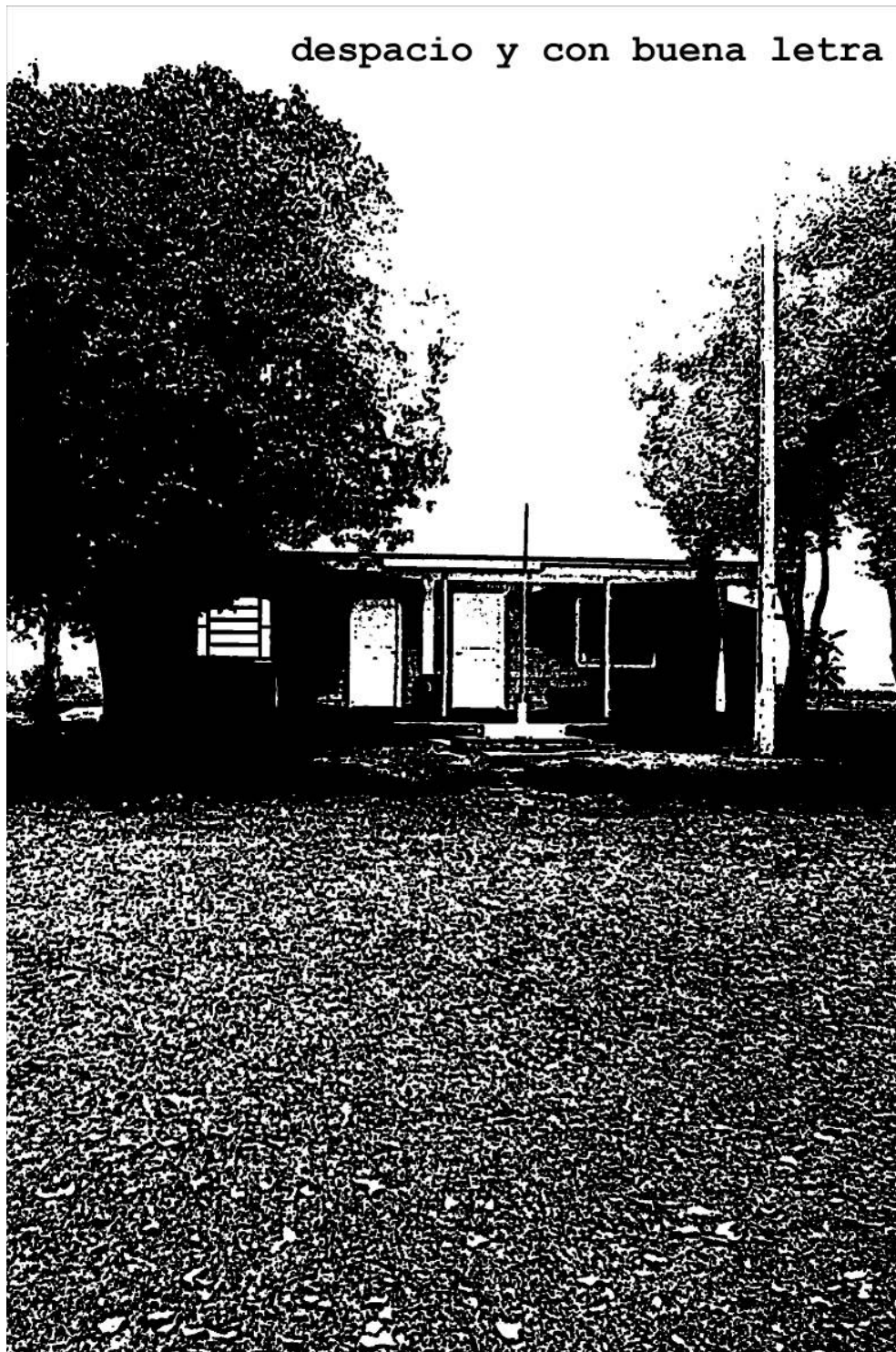


Figura 6 - Fran Favero, 2011. Oficina Cartografias Afetivas – turma da disciplina Gravura e Sistemas Híbridos da Licenciatura e Bacharelado em Artes Visuais – UDESC, segundo semestre de 2011.

Quantos de nós temos a escola como lugar afetivo?

Cartografia 7 (figura 7)



Figura 7 -Maria Madalena Silva, 2012. Oficina Cartografias Afetivas – Museu Victor Meirelles. Realizada nos dias 14, 16 e 18 de maio de 2012, no Museu Victor Meirelles.

E as relações de afeto com o que nos parece novo e ganha dentro de nós potência, corpo, admiração? O manto que cobre o corpo, proteção. Desenho no corpo, desenho na alma. Aprendizagem, troca, Yanomamis ser-humano!

Cartografia 8 (figura 8)



Figura 8 - Vista geral da exposição realizada no Museu de Arte de Blumenau. De 26 de maio a 29 de junho de 2012, como resultado da oficina Cartografias Afetivas – Museu de Arte de Blumenau, 19 e 26 de maio de 2012.

Uma exposição: será que as imagens expostas dão conta das cartografias?

Cartografia 9 (figura 9)



Figura 9 - Cauê Oliveira, (detalhe – still do vídeo postado na página <<http://vimeo.com/44353431>>), 2012. Oficina Cartografias Afetivas – segunda e quarta fases do curso de Licenciatura e Bacharelado em Biologia/UFSC, primeiro semestre de 2012. Disciplinas ministradas pelo professor Leandro Belinaso Guimarães.

Os lugares por onde se passou a infância retornam modificados pelos registros do *google street view*. Mesmo agora, andar pelas ruas ativa memórias sobre esses lugares e pessoas que existiam naquela época. Alguns lugares mudaram muito, outros nem tanto, mas a sensação maior foi a lembrança, um *flaneur* virtual, (re)demarcação de um território que, por mais longe que possa estar, está dentro de nós e volta como um turbilhão e nos sensibiliza novamente!

Cartografia 10 (figura 10)

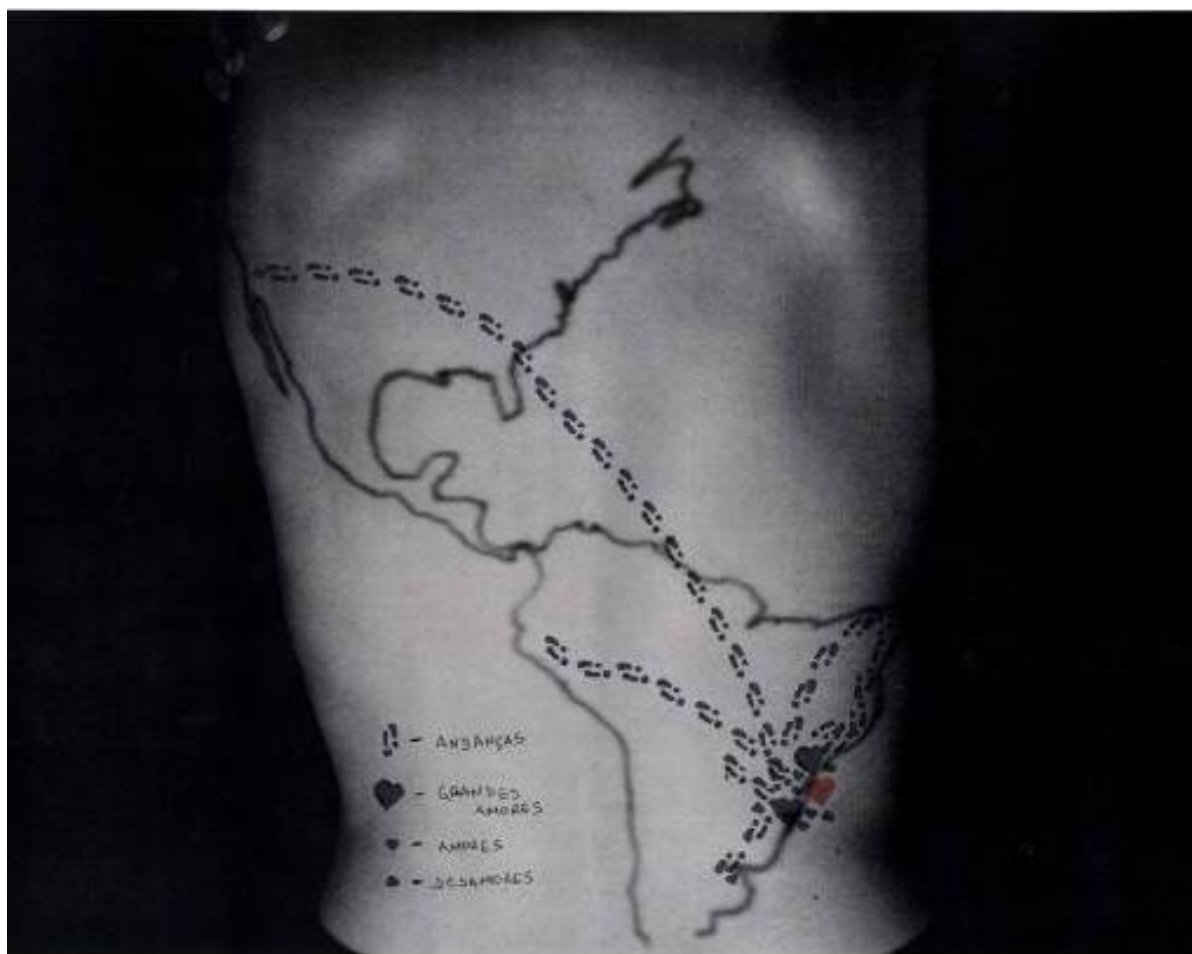


Figura 10 - Daniel Pfeifer Pitthan, 2012. Oficina Cartografias Afetivas – segunda fase do curso de Licenciatura e Bacharelado em Artes Visuais – UDESC, segundo semestre, 2012.

E o corpo, nosso corpo? Quais são os afetos que ele carrega? Nossos amores? Nossas paixões? Nossos desvios? E nossos novos desejos?

Cartografia 11 (figura 11)

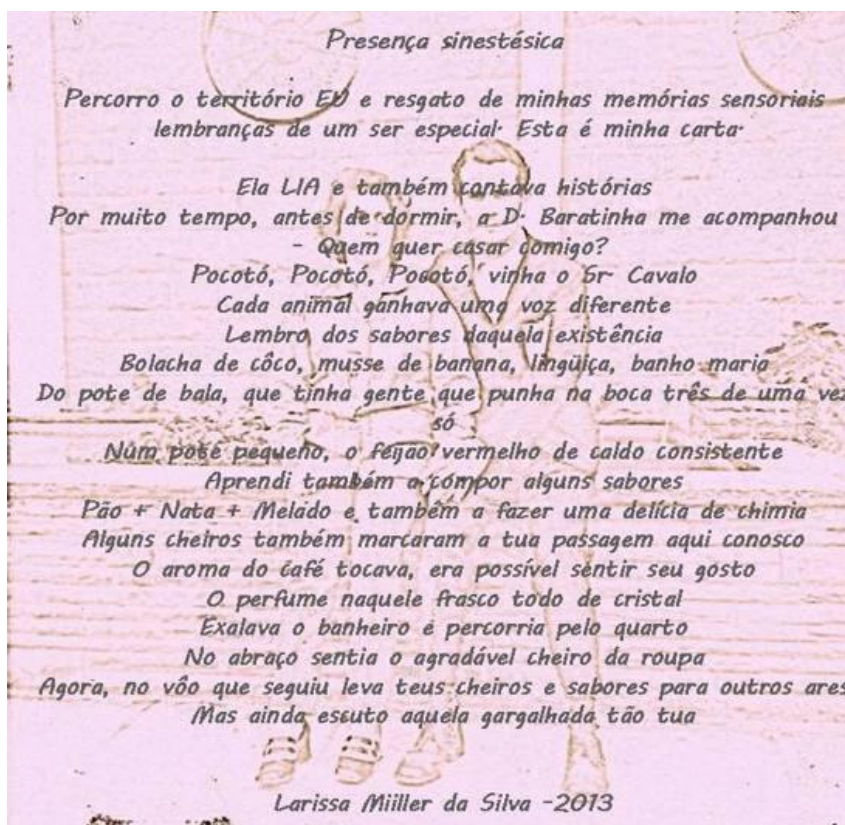


Figura 11 - Larissa Miller da Silva, 2013. Oficina Cartografias Afetivas –Encontro sobre formação Continuada no Ensino da Arte, “O papel do professor na sua formação contínua: Arte na Escola 20 anos em Santa Catarina”; oficina desenvolvida nos dias 10 e 11 de maio de 2013 na Universidade da Região de Joinville, em comemoração dos 20 Anos do Arte na Escola. Total de 25 participantes.

E as relações de afeto construídas na infância? O que delas guardamos? Gostos, cheiros, sons, lembranças... O que compartilhamos? Quais sentidos acionam nossas memórias da infância?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como ouvinte e proponente das ações, o que fica evidenciado é que capturar as cartografias se dá apenas por fragmentos. Ao cartografar algo, os participantes sempre fazem escolhas. As cartografias deixam rastros do que nós somos, os invisíveis estão no processo, o que não vemos, o impalpável.

Observou-se também que o processo da produção é tão importante quanto a cartografia física apresentada. O entre que se instala nas feitura das cartografias será sempre maior do que qualquer vontade de prever, conter, prender a vida. É

com esse deslimite, algo que se encontra sempre pelas bordas, no entorno, na multiplicidade das possibilidades dadas e recebidas, que as cartografias, muito mais que o fazer, ganham força nesse processo permeado de invisibilidade.

Cabe considerar que, nesse processo, as observações e registros buscam olhar a percepção do participante em sua relação com a representação de seus afetos.

Nas cartografias aqui apresentadas, os afetos nos atravessam, desenhando planos de composição abertos a outros corpos.

Nas cartografias, vemos apenas algumas linhas pelas quais a vida vai sendo tecida em uma multiplicidade de afetos, às vezes tristes, outras alegres, diminuindo ou aumentando nosso grau de potência de afetar e ser afetado.

Permitir-se criar e experimentar uma “cartografia afetiva” é um exercício artístico/educativo como potência. Cada cartografia torna-se um espaço valorado, coletivo, quando nos dispomos a compartilhar com o outro. É um exercício de relação, de troca de afetos, de delicadeza.

Ao olhar as imagens trazidas pelas cartografias, abrem-se outros ambientes de criação, o espectador/perceptor se produz e se inventa, porque, mesmo não executando materialmente as cartografias, somos afetados por elas e provocados a pensar a partir de seus afectos e perceptos. Nesse exercício de trocas, ao mesmo tempo artístico e pedagógico, encontra-se um pouco do que nos afeta, traz-se à tona aquilo que nos faz ser o que provisoriamente somos.

Não se sabe pelas imagens quase nada sobre os corpos que as compõem, elas são pistas, brechas, frestas, fissuras; devires que provocam o desejo dos encontros. Somos multiplicidades de acontecimentos que não cessam de se efetivarem, vagarem, de nos transformarem...

Não é intenção deste projeto, *Cartografias Afetivas*, indicar possíveis respostas ou procedimentos quanto à maneira de ser professor hoje, mas propor, por meio da experiência, transformações pessoais e coletivas num espaço de contaminações: o espaço da Arte, da Educação e da Vida. Neste sentido, a Arte é compreendida como intensidade e potência tecida pelas mediações propostas pelo professor-artista-cartógrafo-etc., aquele que transforma acontecimento e devir como campo de sentido.

Nessa desconstrução da docência, que rompe os muros das escolas, busca-se na vida o movimento e a fuga da estaticidade na educação. Ser um professor-artista, um propositor que busca, por meio de processos de criação, possibilidades para pensar o professor hoje, é pensar na multiplicidade de conexões possíveis no momento em que vivemos.

A docência como criação, como Arte de Rede que nos move a múltiplas conexões, é algo que nos impulsiona e faz querer outros caminhos que, muitas vezes, não foi aquele que nos moveu inicialmente, mas que, de alguma forma, estava potente, nos atravessou e nos movimentou para o encontro de novos modos de existência.

O educador cartógrafo encontra nas brechas fluídas um espaço para atuar como propositor, como artista, propõe construir poéticas coletivas, desdobrar as representações como forma de problematizar o campo da arte-educação em relação ao afeto, à sensibilidade e leveza, promover experiências (de si e para o outro) em vivências, propõe desconstruir a docência como prescrição, subvertendo-a em um processo poético e inventivo em constante processo de modificação.

Nesse ato constante de modificação que é viver, nossos afetos e emoções nos dizem onde nos encontramos no mundo.

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. **Memórias Inventadas: as infâncias de Manoel de Barros**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2010.

BASBAUM, Ricardo. I love etc-artist. In: _____. **The next document should be curated by an artist**. Edited by Jens Hoffmann. Frankfurt: Revolver Archiv für aktuelle Kunst, 2004.

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**. 3ª Ed. Tradução: Ivo Barroso. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

CORAZZA, Sandra. O que Deleuze quer da educação? **Rev. Educação - Deleuze pensa a Educação**, São Paulo, v. 6, p. 16-27, 2007.

D'AVOSSA, Antonio. **Joseph Beuys: a revolução somos nós**. Catálogo da exposição Joseph Beuys: a revolução somos nós. 2010-2011. Direção e curadoria geral de Solange Oliveira Farkas; curador convidado Antonio d'Avossa.

Administração Regional do Estado de São Paulo e Associação Cultural Videobrasil. São Paulo: Edições SESC SP, 2010.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

_____. **Espinosa: Filosofia e prática**. Tradução de Daniel Lins, Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

_____. **¿Que és un dispositivo?** 1990. Disponível em: <http://publicaciones.fba.unlp.edu.ar/wp-content/uploads/2011/08/Qu%C3%A9-es-un-dispositivo_GD.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. v. 1.

_____. **O que é a filosofia?** São Paulo: Ed. 34, 2005.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Ed. Escuta, 1998.

FREITAS, Neli; PESSI, Maria Cristina Alves dos Santos; SCHMIDLIN, E; OLIVEIRA, Sandra. **Illustro Imago – diálogos sobre imagens na aula de arte**. In: FREITAS, Neli; OLIVEIRA, Sandra (Orgs.). **Variantes na Visualidade**. Florianópolis: Ed. da UDESC, 2010.

GARCIA, Wladimir. A lógica do contágio. **Rev. Educação – Deleuze pensa a Educação**, São Paulo, v. 6, p. 74-83, 2007.

JACQUES, Paola Berenstein. **Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade**. [S. l.]: Casa da Palavra, 2003.

LOPES, Denílson. **A delicadeza: estética, experiência e paisagens**. Brasília: Ed. UNB, 2007.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliane. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividades**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

PEREIRA, Juliana; FAVERO, Sandra. A cartografia do professor-artista-etc. e a arte do ver sem fim. In: MACEDO, Kátia Barbosa (Org.). **O trabalho de quem faz arte e diverte os outros**. Goiânia: Ed. da PUC, 2010.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; Ed. da UFRGS, 2006.

ZOURABICHVILI, François. **Conexões: o vocabulário de Deleuze**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.